

Acesso Operacional Conjunto e a Força de Resposta Global: Redefinindo a Prontidão

General (BG) Charles Flynn e Major Joshua Richardson, Exército dos EUA

NA NOITE DE 9 de outubro de 2012, a 2ª Brigada de Combate/ 82ª Divisão Aeroterrestre conduziu uma entrada forçada com a realização de um assalto aeroterrestre em Atropia, um país fictício, para conquistar um campo de pouso e facilitar uma operação de evacuação de não combatentes. A brigada recebeu a missão 96 horas antes de sua partida, no Forte Bragg, na Carolina do Norte, e utilizou o limitado tempo disponível para emitir a ordem de alerta, concluir planejamentos, aprestar as Unidades, realizar ensaios e a concentração no Campo de Aviação da Base Aérea de Pope, nas imediações do Forte Bragg, com toda a logística necessária para uma operação de assalto aeroterrestre. A Força conjunta se deslocou diretamente de sua sede para a zona de lançamento, situada a centenas de quilômetros e em um fuso horário diferente. O emergente ambiente de segurança exige conjuntos de entrada forçada flexíveis, versáteis e rapidamente desdobráveis; a Força de Resposta Global (FRG), uma brigada de combate preparada para desdobrar em qualquer parte do mundo em 96 horas após seu acionamento, é projetada para tal tipo de missão e deve ser

continuamente desenvolvida como um meio único para a defesa dos Estados Unidos da América (EUA) no século XXI.

O General de Exército Martin Dempsey, Chefe da Junta de Chefes de Estado-Maior, identificou a capacidade de conquistar e manter um acesso operacional como um princípio de defesa desafiante no século XXI¹. Em *Sustaining U.S. Global Leadership: Priorities for 21st Century Defense* (“Sustentando a Liderança Global dos EUA: As Prioridades para a Defesa no Século XXI”, em tradução livre), o Secretário de Defesa cita o Conceito de Acesso Operacional Conjunto identificado pelo Gen Dempsey como um imperativo estratégico dos EUA². Conceitos, tais como a Batalha Ar-Mar, abordam futuros programas, posturas e métodos que visam a derrotar sistemas inimigos de antiacesso de longo alcance. Esforços para garantir o acesso se configuram apenas em uma operação de preparação do terreno e não se pode esperar a exclusão da necessidade de inserir forças terrestres. As operações de entrada forçada são planejadas para explorar o espaço de manobra capacitado pelo acesso operacional e a Força de Resposta Global existe para conduzir tais tipos de operações.

A Operação *Atropian Reach* (Out 2012), um exercício de acesso operacional conjunto, foi desenvolvida pelo Centro Conjunto de Instrução

[BG-Brigadier General, primeiro posto de oficial-general no Exército dos EUA, cuja antiguidade está situada entre os postos de Coronel e de Major General (MG – posto equivalente a General de Brigada no Brasil) — N. do T.]

O General (BG) Charles Flynn é o Subcomandante de operações da 82ª Divisão Aeroterrestre, com sede no Forte Bragg, Carolina do Norte. É bacharel pela University of Rhode Island, mestre pela Escola de Guerra Naval dos EUA e pela National Defense University. Foi diretor de exercício para a Turma 13-01 do Centro de Prontidão Conjunta e responsável pela execução da Operação Atropian Reach.

O Major Joshua Richardson é integrante da 5ª Seção da 82ª Divisão Aeroterrestre, Forte Bragg, Carolina do Norte. É bacharel pela Academia Militar dos EUA e mestre pela School of Advanced International Studies da Johns Hopkins University. Foi o chefe da Seção de Planejamento na Operação Atropian Reach.



Departamento de Defesa

Uma viatura *Stryker* da 2ª Brigada/ 25ª Divisão de Infantaria é desembarcada de uma aeronave C-17 *Globemaster III* durante um exercício de acesso operacional conjunto, no Forte Polk, Louisiana, 10 Out 12.

de Prontidão, no Forte Polk, Louisiana, contando com a cooperação de equipes de planejamento conjunto do 18º Corpo Aeroterrestre e da 82ª Divisão Aeroterrestre. Incluía [em sua composição] elementos-chave de resposta estratégica dos EUA: a FRG, uma força-tarefa conjunta de operações especiais, meios de mobilidade e de ataque da Força Aérea dos EUA e um cenário que englobava o Departamento de Estado dos EUA e outros órgãos, bem como vários parceiros governamentais e multinacionais no terreno, representados por ex-integrantes dessas entidades³. A Operação *Atropian Reach* proporciona um pano de fundo para um grande debate sobre acesso operacional conjunto e o papel da FRG.

Entrada Forçada Conjunta e Acesso Operacional Conjunto

“A capacidade de garantir acesso operacional no futuro está sendo desafiada — e talvez seja o desafio operacional mais difícil a ser enfrentado

pelos Forças dos EUA nas décadas vindouras⁴” — General de Exército Martin Dempsey, *Joint Operational Access Concept*.

Os Estados Unidos já identificaram que a capacidade de obter acesso a determinadas áreas, com resistência ou não, é um imperativo estratégico; taticamente, forças conjuntas se adestram e permanecem prontas para conquistar, manter e estabelecer posições para satisfazer esse fim. O acesso operacional conjunto engloba várias operações de preparação do terreno que juntas garantem o espaço para a entrada forçada, preenchendo, essencialmente, a lacuna entre o imperativo estratégico e o cumprimento da missão tática.

As operações de entrada forçada são executadas para garantir o acesso de uma força militar a uma porção do terreno, diante de uma resistência adversária. Com frequência, essa porção é uma localização vantajosa no terreno, conhecida como posição, a partir da qual uma força pode avançar



Paraquedistas da 2ª Brigada/82ª Divisão Aeroterrestre conduzem uma operação de evacuação de não combatentes como parte de um exercício de acesso operacional conjunto, Forte Polk, Louisiana, 11 Out 12.

para um objetivo operacional ou estratégico mais amplo. Essas posições podem ser uma cabeça de ponte aérea ou cabeça de praia ou uma combinação de ambas; de qualquer forma, existem condições que precisam ser estabelecidas para garantir o êxito na conquista dessa posição-chave no terreno e o acesso operacional pretendido⁵. Considere, por exemplo, os assaltos anfíbios na Normandia durante o Dia D, uma operação realizada contra forte resistência para se obter uma posição estratégica segura na Europa continental. A operação foi planejada com linhas de acesso especificamente separadas, tais como o acesso aéreo para conduzir a dissimulação militar em Calais, na França, antes da operação, e outro para apoiar a invasão com ataques e uma infiltração no interior com Forças aeroterrestres. Estabelecer essas condições exige um nível inicial de acesso, a conquista e manutenção, tarefas que se configuram progressivamente difíceis no século XXI.

O ambiente operacional global emergente inclui avanços do adversário na posse de armas e tecnologia antiacesso às capacidades de projeção de força dos EUA. Embora os Estados Unidos insistam que o acesso às águas internacionais, a territórios e domínios específicos seja um imperativo e continuem a manter a capacidade de conseguir tal acesso, é cada vez mais evidente que os possíveis adversários tenham identificado que seus investimentos, relativamente de baixo custo em termos de capacidades de antiacesso e de negação de área, venham a proporcionar um significativo retorno⁶.

O Conceito de Acesso Operacional Conjunto identifica três tendências que complicam o acesso estadunidense no ambiente atual: a drástica proliferação de tecnologia antiacesso, a postura variante de defesa dos EUA no exterior e o crescimento progressivo dos domínios espaço e cibernético, cada vez mais importantes e disputados⁷. Além

disso, o conceito do Gen Dempsey sobre o acesso operacional conjunto destaca 30 competências táticas centrais que, quando combinadas com a sinergia através de domínios, ajudarão a proporcionar às Forças dos EUA uma vantagem pelo acesso nos combates atuais e futuros. Essas competências estão no cerne do que as Forças de resposta rápida precisam entender e do que os exercícios como a Operação *Atropian Reach* ajudam a fomentar por meio da prática. Das 30 tarefas especificadas, quatro são ressaltadas abaixo como sendo pertinentes à relação entre a entrada forçada conjunta e o acesso operacional conjunto.

Primeiro, é fundamental à Força conjunta possuir a capacidade de conduzir operações de entrada forçada, incluindo incursões e outras ações com objetivos limitados, bem como o suporte logístico inicial às operações terrestres prolongadas⁸. Considerando que o acesso operacional conjunto está sendo identificado como uma capacidade imperativa no século vindouro, investimentos no treinamento de Forças especialmente organizadas como a FRG devem ser uma constante. O treinamento necessário para manter o nível requisitado de proficiência em assaltos aeroterrestres e anfíbios é extenso e intenso em termos de recursos. O desenvolvimento dessa prontidão deve ser considerado como um custo acoplado ao conceito de uma operação mais ampla. Exercícios de adestramento que reúnem equipes conjuntas e interagências, a exemplo da Operação *Atropian Reach*, são eventos essenciais para gerar e manter a capacidade de entrada forçada.

Segundo, o acesso operacional requer a capacidade de conduzir, em deslocamento, Comando de Missão, planejamento, ensaios e reunião de Forças no processo de desdobramento, incluindo a ligação de pessoal com o equipamento pré-posicionado⁹. Essa tarefa implica que, como a história tem mostrado, a força-tarefa de entrada forçada possui um tempo limitado para planejar e organizar os meios antes do desdobramento e precisa ser capaz de valer-se dos sistemas de Comando de Missão durante o movimento para obter a visibilidade necessária em toda a força-tarefa conjunta. Valer-se desses sistemas frequentemente inclui a

rápida obtenção de acesso às redes de comunicações específicas para planejamento e atualizações simultâneos.

Na Operação *Atropian Reach*, um amplo trabalho foi necessário para criar uma rede de comando específica para o Forte Bragg de modo a garantir a integração do sistema digital durante o planejamento e o desdobramento da força de assalto. A força de assalto dependia dos sistemas de transporte da Rede Conjunta para produzir essa vinculação. Embora novos caminhos tenham sido abertos durante o exercício, futuras iterações precisam seguir na direção do conceito de “estação de encaixe”. Nele, as Unidades são capazes de conectar nos centros de rede existentes em suas sedes para planejamento, desconectar para realizar o desdobramento, conectar novamente para conduzir Comando de Missão em deslocamento, desconectar para realizar o assalto e conectar mais uma vez na fase seguinte. Os mesmos sistemas de rede são usados durante todo o tempo; a única diferença é que, no terreno, as Forças usam seus sistemas de transporte de Rede Conjunta, enquanto que em deslocamento podem acessar a rede por meio de outras arquiteturas previamente estabelecidas. No caso de um desdobramento no Norte da África, por exemplo, a Força de Resposta Global precisaria da rede do Comando Regional África, que é acessível via “estação de encaixe” do Forte Bragg, bem como durante o deslocamento (aerotransportada ou em uma área de concentração intermediária); uma vez inserida em um ambiente sem ou com poucos recursos locais, os sistemas de Transporte da Rede Conjunta podem se conectar a essa rede para uma transição ininterrupta dos sistemas digitais de Comando de Missão.

Terceiro, o acesso operacional depende da capacitação das Forças de manobra conjuntas para penetrar em sistemas antiacesso sofisticados e atingir o alcance de ataque com risco aceitável¹⁰. Essa tarefa ressalta o preenchimento da lacuna entre antiacesso e área negada. Antiacesso se refere às capacidades de longo alcance que previnem acesso a partir de uma certa distância, enquanto área negada se refere às medidas usadas para limitar

a liberdade de manobra de uma Força uma vez obtido o acesso¹¹. A força-tarefa aeroterrestre para ações de entrada forçada é treinada e equipada para superar as resistências em uma área negada, tais como baterias antiaéreas de alcance curto a médio, ou mesmo nos casos de impedimento de campos de aviação ou pistas de aeroportos. No entanto, caso a Força seja impedida de penetrar nos sistemas de artilharia antiaérea integrados do inimigo, por exemplo, o acesso geral — e a operação — fracassarão. A Operação *Atropian Reach* não foi conduzida em um cenário que exigia a rigorosa dissimulação de sistemas antiacesso sofisticados durante a fase de inserção aérea; contudo, exercícios como o das Forças de Mobilidade da Força Aérea dos EUA, que ocorre semestralmente no Campo de Provas e Treinamento, situado no Estado de Nevada, praticam a penetração de uma força-tarefa de entrada forçada nessas condições, servindo como ótimas oportunidades para o adestramento em acesso operacional conjunto¹².

Finalmente, o conceito de acesso operacional conjunto identifica que precisamos ser capazes de desempenhar o Comando de Missão em um ambiente de comunicações degradado e com poucos recursos¹³. Os campos de batalha do futuro provavelmente apresentarão desafios de comunicações significativos que envolveriam infraestruturas sem recursos ou inacabadas ou ataques cibernéticos e eletrônicos de área negada oriundos de nossos adversários. A Força expedicionária conjunta precisa ganhar experiência no atrito inicial em um ambiente de comunicações degradado e durante as transições associadas à introdução dos nossos sistemas de redes inflexíveis. O modelo de exercício da Operação *Atropian Reach* forçou a força-tarefa aeroterrestre a praticar as habilidades necessárias quando as comunicações estão degradadas para depois vivenciar os desafios de estabelecer a conectividade digital entre dez forças-tarefa de valor batalhão — tudo sob ação inimiga irrestrita, incluindo interferências eletrônicas e ciberataque militar. As várias iterações em ambientes de treinamento complexos como o citado garantem a prontidão no âmbito de todas as forças-tarefa conjunta de entrada forçada.

A Força de Resposta Global

“Resistiremos à tentação de sacrificar a prontidão para manter a estrutura da força, e iremos, de fato, restabelecer a prontidão em áreas que, por necessidade, receberam menos ênfase ao longo da última década¹⁴.” — *Sustaining U.S. Global Leadership: Priorities for 21st Century Defense*

A 82ª Divisão Aeroterrestre engloba a FRG. Organizada para conduzir operações de combate como elemento principal do comandante do componente terrestre da força conjunta, a missão da FRG é sinônima à missão geral da 82ª Divisão, a de estrategicamente desdobrar e conduzir assalto aeroterrestre em situações de entrada forçada, visando a conquistar objetivos capitais para operações militares subsequentes, em apoio aos interesses nacionais dos EUA. A FRG é uma força-tarefa flexível, versátil e rapidamente desdobrável, pronta para ser um componente-chave da estratégia de defesa dos EUA no século XXI.

A Força constitui-se em uma força-tarefa com aproximadamente 5.000 integrantes, composta por especialistas em toda a gama de funções de combate. O cerne de sua organização é uma brigada de combate de infantaria paraquedista. Esta inclui dois batalhões de infantaria, um esquadrão de reconhecimento, um grupo de artilharia de campanha, um batalhão de tropas especiais e um batalhão de apoio; todos os integrantes são qualificados como paraquedistas e as Unidades adaptadas para a inserção via assalto aeroterrestre. Além desses elementos orgânicos, a FRG inclui uma companhia de infantaria com viaturas *Stryker*, uma companhia de infantaria mecanizada (incluindo carros de combate *M1 Abrams* e *VBTP M2 Bradley*), um batalhão de aviação de combate (incluindo helicópteros de ataque e de assalto), adicionais meios de artilharia pesada (obuseiros 155 mm rebocados e Sistemas de Foguetes de Artilharia de Alta Mobilidade), um contingente da Força Aérea dos EUA (incluindo uma equipe de táticas especiais, grupos de controle aéreo tático, um oficial de ligação aérea e uma equipe de força-tarefa de abertura de portos), um destacamento de remoção de engenhos falhados, um pelotão de Polícia

do Exército e meios adicionais de Engenharia e de Inteligência Militar para reforçar aqueles orgânicos do batalhão de tropas especiais.

A FRG desdobra em dois escalões principais. O primeiro, e mais leve dos dois, é organizado para conduzir um assalto aeroterrestre num campo de aviação em um ambiente hostil, manter a posição conquistada e preparar a chegada do segundo escalão, conduzido por aeronaves de grande porte que aterrissarão no campo conquistado. A força de resposta e seus facilitadores associados mantêm padrões de preparação específicos em sua sede para atingir os prazos de rápido desdobramento. No entanto, o conjunto da Força é extremamente versátil e pode ser reconfigurado de uma postura de ação decisiva com entrada forçada para uma configuração de assistência humanitária e socorro em situações de calamidade, durante a sequência de desdobramento a partir do campo de aviação ocupado ou conquistado.

A FRG ou um componente valor força-tarefa batalhão foi solicitado 18 vezes desde o 11 de Setembro. Essas missões incluem turnos especiais de serviço em apoio às Operações *Iraqi Freedom* e *Enduring Freedom*, missões de socorro em situações de calamidade, tais como o Furacão Katrina e o terremoto no Haiti, e as operações de combate com as forças-tarefa de operações especiais conjuntas. Antes do 11 de Setembro, a 82ª Divisão Aeroterrestre mantinha uma força de resposta um pouco semelhante e conhecida como Brigada de Pronta Defesa, ou BPD. Essas brigadas participaram da Operação *Urgent Fury*, em Granada (1983), conduziram um assalto paraquedista no Panamá como parte da Operação *Just Cause*, em 1989, e provaram ser uma força dissuasiva flexível e efetiva a caminho de Porto Príncipe, no Haiti, como parte da Operação *Uphold Democracy*, em 1994. Da mesma forma, a BPD planejou várias outras operações que não foram executadas.



Departamento de Defesa

Vista aérea do Centro de Operações Táticas da 2ª Brigada/82ª Divisão Aeroterrestre durante a Operação *Atropian Reach*, Forte Polk, Louisiana, 13 Out 12.

Embora a FRG tenha respondido repetidas vezes ao chamado da nação para combater ao longo da última década, o ambiente para o qual ela precisa ser preparada visando aos anos vindouros promete muitas mudanças. Nenhum dos desdobramentos em combates recentes exigiu uma entrada forçada, e a maioria foi feito em zonas de combate com redes de comunicações e sistemas de apoio já estabelecidos. O ambiente operacional do futuro sem dúvida será diferente. Como a Operação *Atropian Reach* mostrou, a entrada forçada conjunta é um “jogo de equipe” e nossas forças precisam de treinamento. Além disso, a brigada de pronta-resposta tem mudado muito desde que foi empregada nas ações de entrada forçada há mais de 20 anos. A BPD agora é a FRG; siglas à parte, a FRG é maior, mais pesada, mais técnica e capaz de criar mais efeitos que a sua predecessora. Hoje, em vez de simplesmente possuir mais poder de combate letal, o comandante também conta de imediato com Capacidades para o transporte da Rede Conjunta, sistemas de comando automatizados, plataformas que capacitam o Comando de Missão tridimensional e sistemas de rede de informação compartimentada até o nível de credencial de segurança ultra secreto. Esses sistemas não apenas podem ser instalados em locais remotos, como também se mostram progressivamente mais necessários, à medida que nossos adversários adquirem capacidades cada vez mais sofisticadas de ataque cibernético e eletrônico.

Os exercícios conjuntos que proporcionam oportunidade de se praticar a sinergia através dos domínios são inestimáveis. Para a Operação *Atropian Reach*, a FRG e os facilitadores conjuntos foram desdobrados desde o Havaí, Alasca, Califórnia, Washington, Oklahoma, Texas, Kentucky, Nova Jersey, Virgínia, Carolina do Norte, Arkansas e Geórgia. Durante o próximo exercício de acesso operacional conjunto da FRG, muitos dos mesmos participantes participarão também com forças conjuntas do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA e forças multinacionais do Reino Unido e do Canadá.

Operações de Evacuação de Não Combatentes e Entrada Forçada Conjunta

As Operações de Evacuação de Não Combatentes (OENC) geralmente envolvem a rápida inserção de uma força, a ocupação temporária de um objetivo e uma retirada planejada após a conclusão da missão¹⁵ (*JP 3-68, Noncombatant Evacuation Operations*).

As OENC são uma das principais, e cada vez mais relevantes, missões da FRG. A imposição de conduzir uma evacuação de não combatentes deu início à Operação *Atropian Reach* e, por meio de um cenário de exercício muito bem elaborado, a força de resposta realizou um adestramento valioso sobre um conjunto de missões muito complexas. Os recentes eventos no Norte da África e Oriente Médio salientam a necessidade de se manter uma força militar pronta e capaz de conduzir uma entrada forçada para garantir a segurança de civis e interesses americanos no exterior — um compromisso reafirmado recentemente pelo Secretário de Defesa como uma prioridade da sua Pasta¹⁶.

As OENC precisam de atenção especial nas considerações a respeito de Comando de Missão, planejamento e execução. Primeiro, o Comando de Missão é singular porque a decisão de evacuar pertence exclusivamente ao embaixador dos EUA, cabendo a ele ou ela manter o controle geral da operação de evacuação. Se forças militares são necessárias, a solicitação parte do Secretário de Estado para o Secretário de Defesa¹⁷. Com o desenrolar da situação, o Chefe da Junta de Chefes de Estado-Maior autoriza o Comando Combatente Regional correspondente a conduzir a operação. Solicitações para forças específicas tais como a FRG são submetidas à Junta de Chefes de Estado-Maior, cabendo ao Comando Combatente ativar uma força-tarefa conjunta caso considere necessário. Durante a Operação *Atropian Reach*, o Comando Combatente ativou a Força-Tarefa Conjunta-180, do 18º Corpo Aeroterrestre, ficando esta especificamente responsável pela evacuação de não combatentes com uma entrada forçada. Essa força-tarefa era composta de um Comando de Força Expedicionária da 82ª Divisão Aeroterrestre

e da FRG. Em 2012, em resposta à deterioração da situação na Líbia, o Comando Regional África dos EUA ativou uma força-tarefa conjunta que coordenou as medidas para uma possível operação de evacuação, que incluiria uma zona de operações e meios de três comandos combatentes distintos¹⁸.

Além das relações complexas de Comando de Missão, as OENC são caracterizadas pela incerteza. As forças militares envolvidas nessas operações precisam ser ágeis para desdobrarem rapidamente, mas também flexíveis o suficiente para se adaptarem às rápidas mudanças de situação. O grau da segurança local e a relação com a nação anfitriã talvez possam não sugerir inicialmente a necessidade de neutralizar o antiacesso ou executar uma entrada forçada; contudo, as forças-tarefa precisam permanecer preparadas para a deterioração da situação, manter o acesso operacional e as posições já estabelecidas para completar a evacuação na presença de uma resistência armada. Durante o planejamento para o rápido desdobramento na Operação *Atropian Reach*, a situação de segurança local mudou de inicialmente permissiva para incerta, compelindo que a FRG se organizasse para a execução de um assalto aeroterrestre. Horas antes do desdobramento da força-tarefa, o comandante da força de resposta participou de uma videoconferência com o Embaixador dos EUA em Atropia para obter informações essenciais para a operação de evacuação.

As forças militares envolvidas nessas operações precisam ser ágeis para desdobrarem rapidamente, mas também flexíveis o suficiente para se adaptarem às rápidas mudanças de situação.

A Força-Tarefa Conjunta-180 estabeleceu no planejamento uma base de concentração intermediária nas proximidades do Aeroporto Internacional de Alexandria. Tipicamente, as bases de concentração intermediárias servem não apenas como um eixo de apoio, mas também

como uma área segura para os evacuados durante uma operação dessa natureza. A FRG foi capaz de conduzir ações de resgate, reunir civis americanos e transportá-los de Atropia para a base de concentração, empregando aeronaves da Força Aérea dos EUA. Várias outras camadas de fricção, incluindo uma oposição insurgente armada, um ambiente de precárias comunicações e uma força de segurança não cooperativa do governo local ao redor do consulado dos EUA faziam parte do cenário, resultando em um exercício dinâmico e realista para a FRG.

Um Novo Enfoque

Sob vários aspectos, a Operação *Atropian Reach* é simbólica para um novo enfoque sobre a força expedicionária conjunta. A combinação de acesso operacional conjunto com entrada forçada para facilitar uma evacuação de não combatentes exige novos conjuntos de habilidades e uma nova abordagem. Esse adestramento dinâmico é apropriado para a FRG como componente de uma força-tarefa conjunta, pois a próxima vez que a força de resposta for convocada não será para uma zona de combate estabelecida, e sim para um ambiente caracterizado por incertezas, ameaças de vários nódulos e em presença de uma precária arquitetura de comunicações.

O acesso operacional conjunto já foi identificado como um imperativo estratégico nacional. Os Estados Unidos entram em um século em que a distância entre sua vantagem tecnológica e a de outros países está diminuindo. A proliferação em massa da tecnologia antiacesso de baixo custo, porém sofisticada, a presença reduzida de projeção de força no exterior e as crescentes ameaças associadas ao cibernético desafiam nossa capacidade de obter e manter acesso em águas internacionais, um lote de terreno e domínios mais amplos. Para proteger os interesses nacionais vitais no exterior nesse tipo de ambiente, precisamos investir em uma gama de capacidades capazes de neutralizar sistemas antiacesso e estabelecer um espaço de manobra dentro do qual possamos atuar. Além disso, necessitamos permanentemente investir em nossas capacidades

para a condução de entrada forçada para, quando exigidas, estejam equipadas, treinadas e prontas para cumprir a missão.

A FRG é o conjunto estratégico de entrada forçada da nação. Os exercícios de acesso operacional conjunto como a Operação *Atropian Reach* são eventos essenciais de prontidão, porém onerosos diante da escassez de recursos. Não obstante, essas tarefas complexas não podem ser praticadas em um vácuo, e a sinergia realizada nas iterações de treinamento conjunto resulta em

eficiências adquiridas por toda a força conjunta. Um enfoque renovado e recursos reservados à aquisição de equipamentos para facilitar a entrada forçada conjunta constituem-se em um aspecto essencial para o acesso operacional conjunto. Isso manterá a Força em permanente sintonia com a promessa do Secretário de Defesa: “Resistiremos à tentação de sacrificar a prontidão [...] e, de fato, reconstruiremos a prontidão em áreas que, por necessidade, receberam menos ênfase ao longo da última década”¹⁹. **MR**

REFERÊNCIAS

1. DEMPSEY, General Martin, chairman of the Joint Chiefs of Staff, *Joint Operational Access Concept*, versão 1.0, 17 Jan. 2012, p. ii. Disponível em: <http://www.defense.gov/pubs/pdfs/JOAC_Jan%202012_Signed.pdf>, acesso em: 16 out. 12.
2. United States Department of Defense, *Sustaining U.S. Global Leadership: Priorities for 21st Century Defense*, Jan. 2012, p. 7. Disponível em: <http://www.defense.gov/news/Defense_Strategic_Guidance.pdf>. Acesso em: 16 out. 12.
3. O treinamento serviu como o exercício de missão para a 2ª Brigada de Combate da 82ª Divisão Aeroterrestre, antes de tornar-se a Força de Resposta Global.
4. DEMPSEY, p. ii.
5. Joint Publication (JP) 3-18, *Joint Forcible Entry Operations* (Washington, DC: December 2010), p. ix. U.S. Government Printing Office [GPO], 16 June 2008), p. 11.
6. DEMPSEY, p. ii.
7. *Ibid.*, i-ii.
8. *Ibid.*, JOA-016, p. 35.
9. *Ibid.*, JOA-015, p. 35.
10. *Ibid.*, JOA-017, p. 35.
11. *Ibid.*, p. i.
12. A partir deste ano, o Exercício de Forças de Mobilidade é renomeado o Exercício de Entrada Forçada Conjunta (JFE, na sigla em inglês) para ficar em conformidade com a terminologia conjunta; é um exercício pedra angular antes da formatura da Escola de Armas da Força Aérea dos EUA e constantemente inclui grandes conjuntos de aeronaves de mobilidade e cenários de antiacesso sofisticados. JFE 12B ocorre em 26 a 30 de novembro de 2012 na Base da Força Aérea dos EUA na Nevada.
13. DEMPSEY, JOA-002, p. 34.
14. DOD, *Sustaining U.S. Global Leadership*, p. 7.
15. JP 3-68, *Noncombatant Evacuation Operations* (Washington, DC: GPO), p. 23.
16. DOD, *Sustaining U.S. Global Leadership*, p. 6.
17. JP 3-68, p. III-1.
18. QUARTARARO, Joe Sr.; ROVENOLT, Michael e WHITE, Randy. “Libya’s Operation Odyssey Dawn: Command and Control”, National Defense University Press, Washington, DC, 2012, p. 141-56.
19. DOD, *Sustaining U.S. Global Leadership*, p. 7.